

Bror Chail

VEM no comêço. No outono, ^{ao se iniciar} quando ~~as noites caem~~, e se inicia de novo o amanho da terra.

Dia e noite ouvirás o ronco dos tratores, e a larga planície do vale tomará a côr escura de terra arada. Teus olhos seguirão ao longo as colinas que se estendem para o oriente, até as elevações do país de Judá. E um pouco ao norte divisarás, nas tardes claras de outono, os montes azulados de Jerusalém.

Virão, depois, ^{as chuvas} de inverno; a natureza, exposta ao vento e à chuva, estender-se-á molhada, nua, triste. E os homens escutarão à noite, encolhidos e pensativos, o uivo longo, melancólico, das tempestades.

Virá, depois, a primavera, a primavera maravilhosa destas terras. Despertarão os homens, erguer-se-ão os campos de planície em verdes frutos.

Acompanharás os camponeses que lavraram êste solo, ao descerem na primavera para os campos, dansar na Festa dos Primeiros Frutos. Acompanhá-los-ás de novo, quando no verão colherem a messe rica das planícies, e junto a êles cantarás na Festa da Colheita.

Mais um pouco, e novamente se iniciará o ciclo. De novo sulcarão arados a planície, preparando a terra para as chuvas. E procurará ainda teu olhar, nas tardes calmas de outono, os longínquos montes de Hebron.

Perguntarás, por fim: Alguma vez foi diferente? Não semeiam êstes camponeses as terras do vale desde que é homem o homem? E os montes de Judá, não se erguem êles, lá ao longe, já do princípio dos tempos? Não constroi o povo suas casas, alí no alto da colina, desde remotos dias perdidos da lembrança?

Ainda não, amigo, ainda não. Observa, ainda não se entrosam bem as casas na paisagem, a ponto de brotarem dela. Há, todavia, um tom éxotico no som dos cantos da Colheita, e os corpos, nas dansas da Festa das Primícias, são pesados ainda ao ritmo novo da

terra. Ainda faltam algumas chuvas para que em barro se desfaçam as ruínas, ali, na curva da estrada, acolá, naquela encosta; ruínas, casas no passado, que hoje, aos poucos, a terra engole. Quando, no anoitecer do outono, parte o trator para as terras da planície, notarás que dois são os que nele subiram, um de arma nas costas, mas outro de arma nas mãos. E na longa noite o farol da torre velará, solícito, pelo companheiro que dorme e pelo companheiro que trabalha.

Mas mais uma, mais duas gerações, e certamente se perguntará também: Alguma vez foi diferente? Houve algum lapso desde o tempo que Shimon bar Giora, o defensor de Jerusalém contra as legiões de Roma, recrutava em Bror Chail seus lutadores, até o dia que o camponês hebreu tornou a amanhar sua terra? Desde a época de Rabi Iochanan ben Zacai, o grande fariseu, quando na noite brilhavam luzes em Bror Chail, anunciando aos vales e aos montes a circuncisão de um filho, até os dias que as mesmas luzes, nas mesmas noites, tornaram a brilhar? Alguma vez foi diferente? Falar-se-á em livros de um interlúdio, mas da memória dêste povo será apagado o lapso, como um trecho em branco, algo que nunca existiu.

Ano após ano, o símbolo maior da paz — o arado — sulcará o vale generoso em gordas messes. E suceder-se-á à primavera o outono, à sementeira a seara, às dansas dos Primeiros Frutos os cantares da Colheita. Como sempre foi, luzes nas noites de Bror Chail farão saber vales e montes que é nascido um filho. Como sempre foi, erguer-se-ão lá longe, no nascente, os montes de Hebron, os cimos azulados de Jerusalém. E como sempre foi, assim sempre será.